



VI

História
coletiva

ESE João de Deus



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
Estudantes da Licenciatura em Educação Básica
Junho de 2025

FICHA TÉCNICA



VI

História
coletiva

ESE João de Deus

Título	<i>O candeeiro misterioso</i> (História coletiva)
Autoria	Estudantes do 3.º ano da Licenciatura em Educação Básica na ESE João de Deus Ano letivo de 2024/2025: Alexandra Almeida, Alexandra Ferro, Ana Rita Marques, Beatriz Elias, Beatriz Estorninho, Beatriz Oliveira Rodrigues, Beatriz Silva Rodrigues, Camila Terenas, Carina Ascensão, Carolina Morais, Carolina Pinto, Cláudia Porelo, Daniela Martins, Inês Coelho, Inês Neves, Inês Oliveira, Joana Barros, Joana Santos, Laura Ramos, Leonor Ferreira, Madalena Cavilhas, Mariana Ferreira, Maria Ana Martins, Margarida Creto, Margarida Matias, Margarida Xavier, Maria Inês Marques, Mariana Santana, Martim Teixeira, Matilde Nazaré, Nadine Henriques, Rute Glória, Teresa Candeias, Tomás Abrantes.
Coordenação	Isabel Maria Silva Ruivo Filomena Moreira da Silva
Prefácio	Ariadne Nunes
Composição digital	Jaime Santos
Edição	Junho de 2025, 66 páginas
Publicação	Escola Superior de Educação João de Deus
ISBN	978-972-8061-88-3
	 9 789728 061883
	Desenhos nos capítulos: autoria dos estudantes. Fonte de caracteres: Cambria (MS Windows).

Para impressão, aconselha-se o uso de papel comum, em folha de tamanho A5, orientação vertical, frente e verso.

Prefácio

Compreensão e criação vão juntas.

N. Goodman, *Ways of worldmaking*

Como arte dependente da linguagem, a literatura implica sempre o outro e a partilha de um código que permita o diálogo e a (tentativa de) compreensão. As palavras, base da comunicação, o seu fim último, não são as coisas propriamente ditas, mas símbolos, reconhecidos convencionalmente por uma comunidade como representativos das coisas que pretendem significar. Se as árvores são árvores, a palavra "árvore" é a sua expressão possível para que os homens se possam a elas referir e, assim, ser integradas num discurso. A linguagem resulta, então, do uso atribuído às palavras, resultado de um processo de tradução, reconhecido por uma comunidade, entre a coisa e o seu símbolo. Como em todos os processos de tradução, a correspondência nunca é absoluta, havendo o risco de perda: a imagem mental que cada um dos falantes faz da coisa invocada pela palavra não é necessariamente igual, e o risco de desencontro aumenta quando os enunciados se tornam mais complexos. Por isto, a linguagem instaura sempre uma incerteza quanto ao significado do que se diz, só resolvida, e sempre provisoriamente, em cada novo ato de comunicação.

O que cada um diz só ganha, então, sentido em relação ao outro que ouve e ao que o outro ouve. A compreensão requer diálogo, empatia, no sentido de necessidade de olhar para o ponto de vista do outro – a procura da alteridade – e o reconhecimento de que a coincidência absoluta entre o que se diz e o que se percebe é uma ilusão, que não pode, no entanto, deixar de ser perseguida. Se esta dimensão de negociação, chamemos-lhe assim, está presente em todos os atos de comunicação, na escrita, acentua-se: o texto que o leitor lê não é, necessariamente, o que foi escrito, mesmo que as palavras sejam as mesmas, uma vez que a maneira como o recebe decorre da imagem mental que constrói das

HISTÓRIA COLETIVA 2025

palavras que lê, e dependente sempre da sua experiência, memórias e referências. Quem lê, responde ao texto que está a ler e, nessa medida, recria-o. A leitura é, portanto, um ato colaborativo e de aproximação ao outro, esforço que tem de ser feito por autor e leitor.

Como a passagem do tempo e o contexto histórico fazem com que o significado das palavras e as imagens mentais que evocam vão mudando – a imagem de uma casa, por exemplo, é diferente para um leitor do século XXI ou para um do século XVI –, o significado dos textos literários também muda em função da época e do momento em que são lidos. Tanto no momento da escrita como no da leitura podem convocar outros textos, com os quais passam a dialogar, inserindo-se numa tradição e num contínuo que contribui para o seu sentido.

Um texto coletivo como o que aqui se apresenta é, talvez, a expressão máxima desta dupla dimensão da literatura: é resultado de um diálogo com o que já está escrito até ali, e será ele mesmo o ponto de partida para novas leituras e criações. O género escolhido e o exercício que se repete anualmente com a turma do 3º ano da licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação João de Deus mostra, portanto, as potencialidades e o funcionamento dos textos literários em devir, com uma narrativa construída sucessivamente por um conjunto de estudantes da turma. Neste caso, a própria escrita de cada um dos capítulos nasce da colaboração entre vários autores, obrigando logo desde o momento inicial ao processo de negociação que identificámos como próprio da comunicação, por serem capítulos escritos a quatro mãos. Cada um dos capítulos dá continuidade à história iniciada, exigindo, portanto, diálogo com os antecedentes, sendo depois objeto de um processo de revisão coletiva com vista a alcançar a forma final do texto.

A concretização prática de um projeto desta natureza é particularmente adequada quando os seus atuais autores virão a ser professores, profissão em que as capacidades de diálogo e de procura de compreensão pelo outro são particularmente solicitadas. O processo colaborativo, de aproximação e de integração num coletivo necessário à produção de uma história coerente com diversos autores é um exercício

HISTÓRIA COLETIVA 2025

que muito contribui para o treino de capacidades necessárias à docência e para a compreensão do fenómeno literário.

Ao valor formativo do projeto alia-se, neste caso concreto, uma história cativante. A narrativa acompanha Luísa, uma jovem de 18 anos que, ao viver sozinha pela primeira vez, se depara com um mistério aparentemente banal: o candeeiro do seu quarto acende-se todas as noites, sem explicação. A procura de solução para este enigma leva-a à antiga casa da avó, onde descobre pistas que revelam segredos antigos da família. Entre sonhos e elementos mágicos, Luísa descobre que a luz do candeeiro era apenas o início de uma jornada de autoconhecimento. Como todos os bons textos, a história acaba em aberto, pronta para ser continuada por quem a ler e com ela quiser dialogar.

Ariadne Nunes



CAPÍTULO I

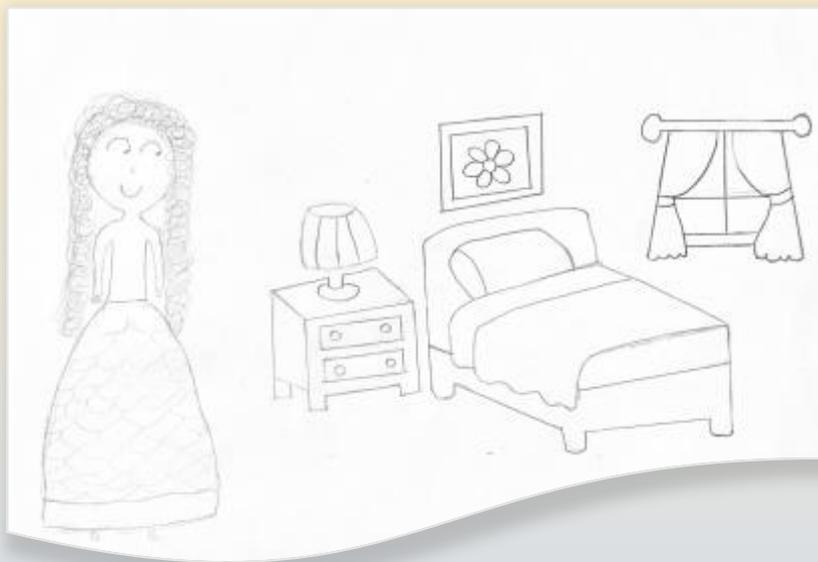
Todas as manhãs, Luísa, bonita jovem de 18 anos, acordava de madrugada com a luz do candeeiro acesa, apesar de ter a certeza que sempre a apagava antes de adormecer.

Esse candeeiro acompanhava-a desde a infância e tinha-lhe sido oferecido pela sua avó materna, a querida avó Júlia. É provável que se perguntem o que é que tem de interessante uma luz acesa na mesa de cabeceira da Luísa, mas nos últimos dias ocupava todo o tempo com este pensamento.

Luísa tinha alugado uma casa em Sesimbra, onde vivia sozinha. Precisava da sua independência, apesar de ter uma excelente relação com os pais, especialmente com a mãe com quem falava diariamente e a quem tinha como confidente e amiga.

A seguir ao jantar tinha sempre a mesma rotina: lia o seu género literário preferido, romances, e, depois de colocar o marcador oferecido pela amiga Sofia na última folha lida, apagava a luz do candeeiro de mesa de cabeceira e adormecia. Mas porque acordava frequentemente de madrugada com a luz acesa? Tal facto deixava-a ansiosa e

confusa, e na sua cabeça começavam a surgir perguntas: será que sou sonâmbula? Será que alguém entra no meu quarto? Será que há por ali um fantasma, um espírito estranho? Não, não, não existem fantasmas!



CAPÍTULO II

Mais uma madrugada em que acordou com a luz acesa, e Luísa questionava-se agora, confusa, se realmente teria desligado a luz do candeeiro. Pegou no seu caderno e começou a escrever ideias e estratégias que a pudessem ajudar a desvendar este mistério.

Pela manhã, e depois de muitas bolas de papel atiradas ao chão, começou a ficar preocupada por não encontrar uma solução. O telemóvel tocou. Era a mãe.

— O que se passa, filha? Pareces preocupada com alguma coisa! – disse a mãe ao sentir o tom de voz cansado da filha.

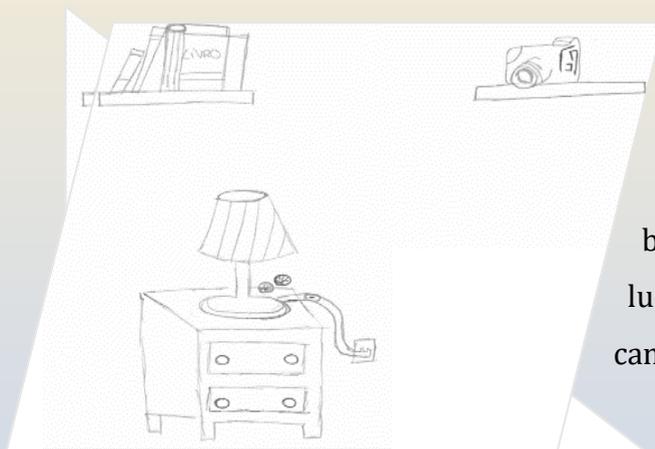
— Não, mãe... está tudo bem. Não te preocupes – respondeu Luísa, disfarçando o que a preocupava, sem, todavia, conseguir concentrar-se no que a mãe lhe dizia.

O seu pensamento voava. Não queria preocupar a mãe. Teria de descobrir sozinha o mistério da luz acesa a meio da noite. E, na verdade, depois de desligar a chamada, teve uma ideia: “E se eu colocasse uma câmara para ver o que acontece? Como é que não me lembrei disto mais cedo?”

Dirigiu-se para a loja de multimédia, mas perante a grande diversidade de câmaras, Luísa sentiu-se perdida!

Perguntou ao funcionário qual seria a melhor câmara para gravar num ambiente escuro. O funcionário mostrou-lhe várias câmaras com características diferentes e Luísa decidiu comprar uma mais pequena e colorida que parecia modelo único. Chegou a casa e colocou a câmara na prateleira do lado direito da cama.

À noite, já no seu quarto, depois do habitual momento de leitura (estava agora a ler um livro da *Collen Hoover*), ligou a câmara, apagou a luz e foi dormir.



Acordou a meio da noite com um estranho barulho e a luz do candeeiro acesa.

Rapidamente pegou na câmara, parou a gravação, e, mal tinha aproximado o olho da lente, a câmara desligou-se.

CAPÍTULO III

Ao ver que a câmara se desligara, Luísa ficou desanimada.

Só podia ser falta de bateria – pensou.

Pôs então o dispositivo a carregar. Para sua surpresa, no entanto, a câmara ainda tinha bateria: não fazia sentido ter-se desligado!

Determinada em descobrir o mistério, ligou novamente a câmara, para ver o que teria ficado registado. Constatou, porém, que nada tinha sido gravado. Desiludida, deitou-se e apagou a luz.

De manhã, ao acordar, ainda meia ensonada, reparou que o candeeiro estava aceso, pela primeira vez, durante o dia. O que significaria aquilo? O facto é que, esta noite, não tinha acordado com a luz acesa. Dormiu sem interrupções e só pela manhã se deu conta de que o candeeiro estava aceso.

A situação estava a deixá-la cada vez mais enervada. Uma câmara não tinha dado resposta ao problema: voltou então à loja, comprou mais duas e um cartão de memória para ter a certeza de que não iria faltar espaço para guardar as gravações feitas enquanto dormia.

Naquela noite, Luísa preparou-se novamente para a vigília: colocou as três câmaras a funcionar em diferentes ângulos: a primeira em cima do armário cor de rosa (para lá chegar, teve de subir a uma cadeira); a segunda em cima da mesma prateleira, que apenas tinha uma vela aromática para dar ao quarto aquele cheiro a lavanda de que tanto gostava; e a terceira, na mesa de cabeceira do lado direito da sua cama.



Eram duas da manhã e, mais uma vez, Luísa acordou com a luz do candeeiro acesa. Mas, desta vez, alguma coisa estava diferente, – tinha também um papel colado na cabeceira que dizia **“AJS.08.10.1955”**. Leu atenta e

lentamente o que estava escrito no papel:
A...J...S...08...10...1955...

Luísa franziu a testa enquanto tentava perceber o significado daquele enigma. Reparou que as iniciais coincidiam com o nome da sua querida avó: Ana Júlia Silva, era o nome da sua avó materna. Mas... e os números? O que quereriam dizer?

A cabeça de Luísa começou a andar às voltas. Sentia-se tonta, saída de um carrossel... um carrossel de emoções! O que significa isto? Esta pergunta rodopiava na cabeça de Luísa. Na verdade, durante aquela semana tinha pensado muito na avó. Talvez porque, no último serão em família, quando os tios estiveram lá em casa, tivessem falado dela. Luísa sabia perfeitamente que era inconcebível o que lhe estava a passar pela cabeça. Como se fosse possível a sua avó falar com ela através de um candeeiro... ridículo! Considerava-se uma pessoa muito racional, mas naquele momento... Sensações e cheiros faziam-na lembrar-se da sua avó. Parecia que estava com ela a cozinhar aquelas maravilhosas bolachinhas de gengibre. A avó Luísa era uma avó muito presente. Empática, de sorriso fácil, olhos cor de mar em dias tranquilos, rosto perfeito, emoldurado pelos

seus cabelos grisalhos e sempre bem penteada. Elegante, de estatura média, sentia-se baixinha quando abraçava a sua única filha, a mãe de Luísa.

Não, aquele acontecimento estranho não tinha nada a ver com a avó Luísa. Ou teria?

CAPÍTULO IV

Perdida nos seus pensamentos, Luísa não sentiu o passar das horas. Quando se acalmou, levantou-se da cama para se preparar para um novo dia. Nessa altura percebeu que já tinha passado a hora habitual de levar Simba ao seu passeio matinal. Este era desde sempre o momento preferido dos dois: cão e dona, simbiose perfeita. Enquanto Simba explorava livremente a rua e cheirava todos os locais por onde passava, Luísa respirava ar puro e planeava todo o seu dia.

A caminhada diária tinha sempre o mesmo destino: a Praia da Califórnia, uma praia perto de sua casa. Era nesta que se encontrava todas as manhãs com a sua amiga de infância, Sofia. Sofia, ao contrário de Luísa, tinha longos cabelos castanhos, cor de avelã, que contrastavam com os seus olhos verde-claro. Era uma pessoa alegre, de sorriso fácil, com quem Luísa gostava de passar o seu tempo.

Sofia vinha sempre acompanhada pela Zoe, uma cadela Golden Retriever que lhe fazia companhia há muitos anos. Quando se encontravam, o cumprimento era sempre o mesmo: um forte abraço, enquanto Zoe e Simba abanavam as caudas alegremente. Durante este tempo de convívio, os

animais brincavam muito animados, livremente, na areia, enquanto as duas amigas, sentadas nas toalhas, conversavam sobre o dia a dia e os planos de cada uma para o futuro. A calmaria das ondas e o cheiro do mar inspiravam-nas!

Sofia e Luísa eram amigas de longa data. Conheceram-se no 1.º dia de aulas do jardim de infância e desde aí nunca mais se separaram. Eram as melhores amigas, considerando-se até como irmãs. Partilhavam muitas memórias e tinham sempre estado juntas nos momentos bons e menos bons das suas vidas.

Nesse dia, durante a conversa, Sofia percebeu que Luísa não estava com a animação habitual e, como amiga, preocupada, perguntou-lhe o que se passava. Luísa, muito embaraçada, começou por negar e dizer que estava tudo bem, o que deixou Sofia desconfiada. A conversa ficou, no entanto, por ali, uma vez que Luísa desviou rapidamente a conversa para assuntos da faculdade. Sofia estava no segundo ano da Licenciatura em Psicologia, uma área que sempre a fascinou, e Luísa estava no primeiro ano da Licenciatura em Fotografia, na mesma faculdade.

A mudança abrupta de assunto, reforçou a desconfiança de Sofia, que não insistiu. Esperaria que fosse

Luísa a desabafar espontaneamente. Entretanto, Sofia recebeu uma chamada da sua avó a sugerir que fosse almoçar a sua casa. Aceitou sem hesitar e despediu-se de Luísa que ficou na praia a aproveitar o bom tempo.

Enquanto observava o seu cão agitado na areia, Luísa perdeu-se nos seus pensamentos. Aquela “não-conversa” com a amiga Sofia tinha-a deixado muito pensativa sobre tudo o que estava a acontecer na sua vida. Estes pensamentos foram substituídos por recordações de momentos felizes vividos na infância. De repente, Simba começou a correr na sua direção, enchendo-lhe a cara de lambidelas. Ele era muito importante na sua vida. Tinha-lhe sido oferecido pela avó Ana Júlia, depois de vários pedidos feitos quando era criança e isso era inesquecível.

Luísa acreditava que tinha tido uma infância cheia de boas aventuras, recheada de memórias felizes, muitas vezes partilhadas com o seu amigo canino. Simba acompanhou--a na primeira mudança de escola, quando entrou para o 3.º ciclo, acompanhou-a também nos outros anos escolares e no marco mais importante da sua vida: a entrada para a faculdade e a consequente mudança de casa. Esteve com ela nos momentos difíceis, sobretudo nos momentos em que se

sentia assustada e inquieta, especialmente na hora de dormir...

Simba conhecia bem a sua dona e nesses momentos dormia aos seus pés para que ela se sentisse mais segura e protegida.

Uma das melhores memórias da sua infância era aquela em que passava o dia na praia com o Simba e a sua avó Ana Júlia. Ana Júlia Silva. Nesses dias ajudava a avó a preparar um belo piquenique com os seus petiscos preferidos: rissóis de carne, feitos pela avó, as inigualáveis bolachas de gengibre, as rodela de pêsego apanhados diretamente da árvore do pomar e as batatas de pacote compradas no mercado que ficava a caminho. Luísa adorava passar o dia na praia. Além da presença da avó e de Simba, esses dias eram completos, especialmente quando encontrava a amiga Sofia. Juntas passavam o dia a brincar e a dar mergulhos no mar calmo de Sesimbra.

CAPÍTULO V

Alguns dias mais tarde, Luísa convidou Sofia para um passeio na praia onde costumavam ir. Percebendo Sofia que Luísa continuava preocupada com alguma coisa, insistiu para saber o que tanto a incomodava.

Luísa começou por falar da situação estranha do candeeiro que se acendia sozinho. E falou também da mensagem escrita, “**AJS.08.10.1955**”, e que a fez pensar que podia ser da sua avó Ana Júlia ... ela fazia anos em outubro... não se lembrava do dia, nem do ano. Mas não devia ter nada a ver!

Ao ouvir aqueles relatos algo insólitos, Sofia, preocupada, sugeriu que fossem passar uns dias a casa da sua avó Clotilde. Era mais uma tentativa para a distrair do mistério que não a deixava descansar. Luísa concordou.

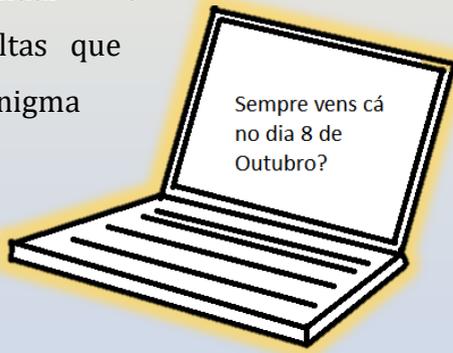
Depois desta longa conversa sobre o misterioso candeeiro, foram dar um mergulho para desanuviar. Teriam ainda que passar por casa para buscar a mochila com roupa, o *nécessaire*, o computador e mais algumas coisas pessoais.

Quando saíram da camioneta, a caminho de casa da avó Clotilde, encontraram uma amiga da avó de Sofia, que ficou muito admirada e feliz por voltar a vê-la. Na verdade, Sofia

não via aquela senhora há muito tempo. Conversaram um bocadinho, e a certa altura Luísa sentiu vontade de desabafar com aquela pessoa que lhe pareceu de uma simpatia extrema e com quem sentiu uma grande empatia. Fazia-lhe bem desabafar, precisava disso e a sua amiga sabia o quanto isso era importante para ela. A senhora escutou-a, sorriu enquanto olhava para ela com um ar enigmático, mas compreensivo, apesar da espantosa narrativa. Ser ouvinte parecia ser o único requisito naquele momento, pelo que nem disse nada. Algum tempo depois, despediram-se e dirigiram-se a casa da avó Clotilde.

Aí, o tempo foi passando, sem que as duas amigas conseguissem desvendar o mistério, por mais voltas que dessem à cabeça. O enigma continuava por resolver!

Que drama!



CAPÍTULO VI

Regressada a casa, a cada noite que se aproximava, Luísa sentia a ansiedade aumentar... Pensava constantemente no mistério do candeeiro ainda não desvendado!

Sentada na cama, observava atentamente a luz suave e amarelada, que de repente parecia ter começado a piscar de maneira quase impercetível. Simba, deitado aos seus pés, levantou as orelhas, dando sinal de que também se apercebera daquela mudança.

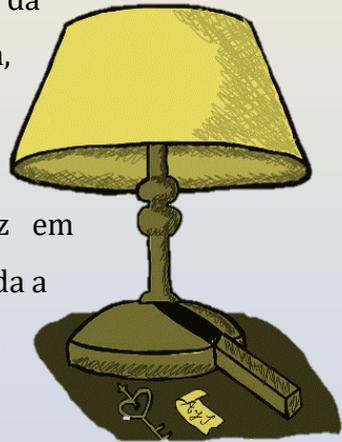
Ao debruçar-se sobre o candeeiro, reparou que na base de madeira havia uma pequena abertura que nunca tinha visto antes. "Como nunca reparei nisto?!", murmurou intrigada. Com cuidado, deslizou a ponta dos dedos e abriu o pequeno compartimento. Dentro dele, encontrou uma chave antiga, de metal envelhecido, envolvida num pedaço de papel dobrado. No papel, as iniciais "**A.J.S.**" estavam escritas em letras delicadas, que Luísa imediatamente reconheceu.

Pegou na chave que acabara de encontrar, agarrou-a com força. Logo lhe veio à cabeça um pensamento inquietante: "Que mistério esconderia aquela chave? Seria um cofre? Um baú? É com certeza algo que está em casa da

minha avó!”. A antiga e bela casa da avó Júlia, que agora estava à venda, porque os pais de Luísa tinham dificuldade em fazer face às despesas com a manutenção da mesma.

Eram dez horas da noite. Sem hesitar, Luísa, telefonou à mãe para que lhe desse a chave da casa da avó. Decidiu que iria, só tinha, antes, que passar por casa da mãe para recolher a chave. Pretendia encontrar respostas para todas as perguntas que lhe surgiram naquela noite.

Depois deste telefonema, Luísa deitou-se entusiasmada e mais tranquila, algo que não sentia há algum tempo. No dia seguinte, iria à casa da avó e tinha a certeza que desvendaria, pelo menos, alguma parte deste grande mistério. Apagou o candeeiro que, pela primeira vez em semanas, ficou desligado durante toda a noite, facultando à Luísa, finalmente, uma noite descansada.



CAPÍTULO VII

Olhou para o ecrã do telemóvel: dia 8 de outubro. Nessa manhã, Luísa acordou com os primeiros raios de Sol a entrarem pela janela do quarto. O candeeiro estava apagado como se o segredo que guardava tivesse, de alguma forma, sido libertado. Simba, fiel como sempre, seguia cada movimento da sua dona, observando-a com olhos atentos e curiosos. Ansiosa, Luísa tomou um café rápido e vestiu-se. Foi a casa da mãe buscar a chave da casa da avó.

Partiu com Simba para a velha casa que, apesar de vazia há meses, ainda parecia estar carregada com as memórias de uma vida inteira. O portão rangeu suavemente ao ser aberto e Luísa sentiu o cheiro familiar do jardim abandonado. Cada passo pelo caminho de pedra trazia-lhe um novo fragmento do passado. A casa parecia estar à espera dela, imponente e melancólica. “Aqui vou eu”, murmurou, enquanto destrancava a porta principal com as mãos ligeiramente trémulas. Ao entrar, um silêncio acolhedor tomou conta do ambiente. Os móveis cobertos por lençóis brancos pareciam fantasmas do passado, mas Luísa sabia exatamente onde procurar. A sala de estar, com o velho armário de madeira maciça, sempre fora o lugar onde a avó

guardava os seus objetos mais importantes. Era ali que fazia sentido o segredo estar guardado.

Luísa ajoelhou-se e começou a inspecioná-lo cuidadosamente. Lembrava-se de que uma das gavetas inferiores tinha uma fechadura peculiar, que nunca conseguira abrir em criança. A sua intuição dizia-lhe que aquele era o sítio certo. Com a chave na mão, respirou fundo e inseriu-a na fechadura. A chave entrou com facilidade, mas ao rodá-la sentiu uma resistência, como se o armário guardasse algo que não quisesse ser revelado. Insistiu, rodando com um pouco mais de força, até ouvir um clique seco. A gaveta abriu-se lentamente e lá dentro estava um pequeno diário, com uma capa de couro gasta, junto com um medalhão dourado. Luísa pegou nos dois objetos com cuidado, sentindo um arrepio a percorrer-lhe a espinha. O diário, ao ser aberto, revelou páginas amareladas, repletas de uma caligrafia delicada que reconheceu como sendo da avó. Na primeira página, lia-se:

“Para a minha querida Luísa, quando chegar o momento certo.”

O coração de Luísa acelerou. Com as mãos a tremer, começou a folhear as páginas. O diário falava de momentos

marcantes da vida da avó, mas à medida que avançava as anotações tornavam-se mais misteriosas. A avó mencionava um objeto valioso, escondido para proteger a família e alertava que só Luísa seria capaz de o encontrar. A última anotação deixou Luísa perplexa:

“O segredo está no sótão. Não temas a verdade. Ela sempre esteve contigo.”

Olhou para Simba, que permanecia sentado ao seu lado, como se compreendesse a importância do momento. “O sótão...”, repetiu em voz baixa. Aquele era o único espaço da casa que sempre a assustara em criança, mas agora sentia que não tinha escolha.

Pegando no diário e no medalhão, subiu as escadas em direção ao sótão, onde o verdadeiro mistério a aguardava.

CAPÍTULO VIII

Luísa subiu as escadas com o coração a bater forte. A cada degrau, o som da madeira a ranger parecia aumentar, como se o próprio sótão estivesse a vigiar os seus passos. O ar ali dentro era denso e carregado de poeira, mas o cheiro familiar do antigo, do tempo parado, envolvia-a com uma sensação estranha de acolhimento. Simba, sempre atento, subiu atrás dela com a cauda erguida e os pelos arrepiados, como se ele também sentisse a gravidade do momento. A chave do armário pesava nas suas mãos. Parecia ainda a única coisa capaz de desbloquear o enigma que a assombrava.

Quando chegou ao topo da escada, Luísa parou por um momento e olhou ao seu redor. O sótão estava abarrotado de caixas empilhadas, móveis antigos e um cheiro a mofo que fazia com que os seus olhos ardessem. O único som que se ouvia era Simba a farejar ligeiramente, como se estivesse a tentar encontrar alguma coisa em especial. O ambiente parecia uma cápsula do tempo, guardava memórias de décadas passadas.

No canto mais afastado do sótão, onde a luz fraca de uma janela suja mal chegava, algo captou a sua atenção. Era

um pano de veludo vermelho, pesado e empoeirado que cobria o que parecia ser uma prateleira esquecida. Com delicadeza, Luísa puxou o tecido, revelando uma pilha de livros antigos com capas de couro rachadas e lombadas desbotadas. O cheiro de papel envelhecido preencheu o ar. Cada livro parecia conter um pedaço da história da família. Um deles, menor e mais simples, estava preso entre dois volumes maiores. Curiosa, Luísa puxou-o com cuidado.

Ao abrir o livro, percebeu que as suas páginas estavam repletas de anotações e desenhos feitos à mão. Mas o que realmente chamou a sua atenção foi uma carta cuidadosamente dobrada entre duas páginas. A tinta desbotada e o papel amarelado indicavam que era antiga. Luísa desdobrou a carta e reconheceu imediatamente a caligrafia elegante de sua avó.

Luísa leu as palavras novamente, tentando absorver a mensagem que lhe estava a ser transmitida.

Minha querida Luísa,

Se estás a ler isto, é porque chegou o momento de compreenderes o nosso legado. Creio que já encontraste o medalhão que pertence à família há gerações e guarda dentro de si um segredo que sempre esteve à espera de ser revelado. Protege-o, porque ele será a chave para algo maior. Lembra-te: não temas a verdade, porque ela sempre esteve contigo.

Com amor, Ana Júlia.

O medalhão, o segredo e a responsabilidade que agora recaíam sobre si eram demasiado grandes para serem compreendidos de imediato. No entanto, uma vizinha dizia-lhe que não poderia parar por aqui. Qual era o segredo? E como poderia ter tanto poder um simples medalhão?

Luísa suspirou profundamente. As peças estavam finalmente a juntar-se, mas havia ainda tanto para entender... Pegou no medalhão e na carta e olhou à sua volta. O sótão estava cheio de histórias e memórias, mas o que mais poderia haver ali?

Sem perder tempo, Luísa levantou-se, determinada a continuar a busca. Colocou o medalhão ao pescoço e desceu até à sala, onde começou a procurar mais pistas. Talvez a avó tivesse deixado algo mais, algum objeto ou livro que pudesse ajudá-la a entender melhor o significado daquelas palavras misteriosas.

Foi então que, ao mover alguns móveis antigos, encontrou uma estante que parecia ter sido deslocada recentemente. Abriu uma das gavetas e encontrou um antigo álbum de fotografias. Era um livro de família, com imagens que a avó nunca lhe tinha mostrado. As páginas estavam gastas, e as fotos desbotadas, mas uma, em particular, chamou a sua atenção. Era uma fotografia da avó, muito jovem, ao lado de um homem que Luísa não reconhecia. E o que parecia ser uma data “8 outubro 19...”, não conseguia perceber o resto dos algarismos. Com certeza o passar do tempo tinha-os apagado. O homem segurava um objeto que se assemelhava a um bastão, com uma inscrição na base.

Luísa ficou a olhar para a fotografia a tentar perceber o seu significado. O homem parecia ter uma ligação direta com a avó, mas quem seria? O bastão na sua mão parecia importante... Luísa virou a página e encontrou mais imagens dele, mas desta vez o bastão já não estava visível. Sentiu uma

pontada de desconforto. Como se aquela pessoa fosse um elemento-chave para a descodificação deste mistério.

De repente, ouviu um ruído vindo do corredor. Simba levantou-se, alertando-a de que algo estava a acontecer. Com o coração descompassado, Luísa correu para a porta, mas quando a abriu não havia ninguém. No entanto, o que viu no chão fez com que o seu coração parasse... um mapa antigo estava ali à sua frente.

Era como se o mistério estivesse a aprofundar-se mais a cada passo que dava.

CAPÍTULO IX

Aquele mapa... Aquele mapa gasto, cheio de linhas e lugares, começou a fazer sentido após longos minutos. Luísa apercebeu-se finalmente de que este a levava a um lugar que visitava frequentemente com a avó Ana Júlia. Era um lugar muito especial e, ao lembrar-se, desbloqueou uma memória marcante da sua infância, que nem dera conta ter ficado esquecida com o passar do tempo.

Começou então a recordar-se... Tinha 11 anos. Passava a semana ansiosa para que chegasse domingo e fosse com a avó à quinta do tio-avô Zé jogar “à caça ao tesouro”. Na companhia da avó Júlia, encontrava sempre diversão e mistério. De manhã, levantava-se da cama à velocidade de um foguetão, abria a janela e via que o céu estava de um dourado brilhante e cheio de melodias bonitas no ar. Ia a correr acordar a avó e, em conjunto, preparavam o almoço que levavam para a quinta. Entusiasmadas, até preparavam a massa das bolachas de manteiga que ficavam ainda mais deliciosas assadas no forno a lenha da quinta do tio Zé, o irmão da avó.

Mais de dez anos passaram e, no entanto, lembrava-se como se fosse hoje. Quando chegava à quinta respirava

fundo, enchia o peito de ar e sentia-se pronta para o desafio que a esperava. Era sempre o jogo da caça ao tesouro no celeiro. Lá estavam guardados dois tratores, fardos de palha, toda a variedade de rações e todos os materiais da quinta. Era ali que Luísa tinha um pequeno canto, onde guardava as suas ferramentas para ajudar o caseiro. Cada vez que lá entrava sentia-se pequenina, comparada com a grandeza daquele espaço, e na sua cabeça achava que ali cabia toda a sua casa. Era enorme e, por isso, era sempre por aí que começava a procurar o mapa do jogo. Quando não encontrava nada, saía para a rua. A quinta tinha um relvado verde vibrante, o mais macio e fofinho que Luísa já tinha tocado. Adorava aproveitar esse relvado para rebolar e brincar. Às vezes, a sua avó juntava-se às brincadeiras da neta. Luísa achava que na quinta havia tantos animais quantos os que ela tinha em cima da sua cama, de cores vivas e pelo suave. Do lado oposto ao celeiro, estavam o galinheiro, o curral, o estábulo, as ovelhas soltas pela quinta e os cães sempre de volta destas, incluindo o seu Simba que adorava brincar. Simba não foi o único a criar uma amizade com as ovelhas, Luísa também criou uma grande ligação com uma delas, a Memé. Vira-a crescer, lembrava-se de lhe dar leite

pelo biberão e sempre que a visitava levava-lhe lacinhos da cor da sua roupa.

Assim que encontrava o mapa, às vezes escondido num qualquer buraco de uma macieira ou de uma outra árvore de fruto daquele extenso pomar, chamava a avó e iam as duas atrás das pistas que faltavam.

A escada rangeu e Luísa voltou à realidade. Sentou-se. Estava atordoada com a ideia de que talvez o homem que viu na fotografia pudesse ser o tio Zé. Começou a questionar-se sobre razões por que a avó nunca lhe teria falado deste seu irmão, dono da quinta onde ela tanto gostava de ir. Pensou para si mesma em algumas possibilidades: estarem zangados ou terem perdido o contacto, algo mais grave, ou até mesmo estar relacionado com o segredo do medalhão da família. Eram tantas as hipóteses que já lhe doía a cabeça de tanto pensar.

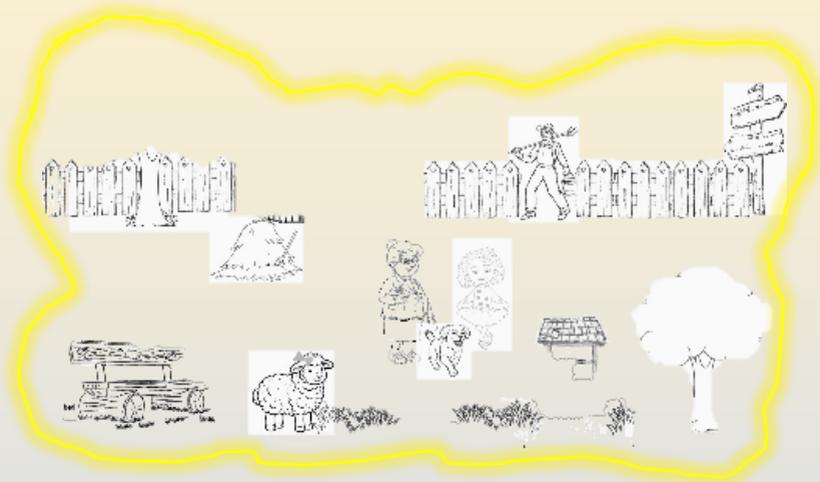
Cansada dos seus pensamentos e das suas memórias, levantou-se e foi buscar todas as pistas que já tinha em sua posse para poder ter uma ideia mais clara de todo aquele mistério. Tudo começara com a luz do candeeiro acesa e o papel colado na sua base. Mais tarde, aparecera a chave da gaveta do antigo armário da avó. Dentro da gaveta, encontravam-se o diário e o medalhão. Deslocou-se até ao

sótão da sua velha casa, onde encontrou um álbum de família com a fotografia do homem com o bastão e a avó. Logo a seguir, um mapa surgira como por magia à porta da casa.

Com a cabeça mais organizada teve o pressentimento de que talvez todo este mistério tivesse começado com alguém a colocar-lhe o papel na base do seu candeeiro, fazendo com que este estivesse sempre a ligar-se. E quem poderia ser? A primeira pessoa em quem pensou foi na sua mãe, mas ela não vivia consigo! Decidiu telefonar para lhe contar tudo o que estava a acontecer. Estranhamente, a mãe procurou evitar o assunto, respondendo apenas com meias palavras. De uma coisa tinha a certeza: estava na altura de fazer uma visita à quinta, um lugar onde fora muito feliz.

Talvez a avó lhe tivesse deixado uma última caça ao tesouro.

A quinta era ainda uma propriedade de família e Luísa podia lá ir sem problemas, bastava um telefonema à sua prima Célia.



CAPÍTULO X

A viagem até à antiga quinta do tio Zé pareceu mais longa do que se lembrava. O caminho de terra batida, rodeado por altas árvores, parecia aumentar à medida que Luísa avançava. Luísa estava cada vez mais certa de que aquele percurso iria revelar algo importante. Simba estava quieto com os olhos fixos na janela, como se pressentisse o que estava por vir.

Luísa olhava pela janela, tentando acalmar a mente, mas o turbilhão de perguntas não o permitia. O que queria a avó dizer com o "segredo" que estava agora a tentar descobrir? Por que razão a avó nunca mencionou que aquele homem misterioso da fotografia era o seu irmão Zé? E aquele bastão...parecia ser mais do que um simples objeto... era, definitivamente, uma peça fundamental neste quebra-cabeças. Mas, no fundo, sabia que a verdade estava ali, a um passo de distância.

Finalmente, um lugar familiar apareceu à sua frente: a quinta do tio Zé! As grandes árvores que percorriam o caminho e o cheiro a terra invadiram-lhe os sentidos. Era como se o tempo, de algum modo, tivesse parado ali, à

medida que as recordações da infância lhe voltavam à memória.

Luísa parou o carro em frente ao portão, mas não saiu dele de imediato. Sabia que precisava de algum tempo para refletir e organizar as ideias. Pegou no mapa, novamente, e estudou-o com mais atenção. A linha que seguia, traçada com tinta já desbotada, parecia indicar um ponto específico na quinta, que Luísa logo reconheceu: o antigo celeiro.

Lembrou-se de quantas vezes, quando era pequena, se escondera ali com a avó, para brincar. E, agora, o destino puxava-a de volta a esse lugar. O segredo estava ali, ela sabia, na conexão entre o passado e o presente, e talvez no próprio celeiro estivesse a chave para resolver o mistério.

Com um suspiro, Luísa pegou no medalhão que trazia ao pescoço, deu-lhe um beijo suave na parte de trás e colocou-o por debaixo da camisola. Sentiu que, ao tocá-lo, estava mais próxima de entender a mensagem que a avó lhe deixara.

Simba saltou do banco de trás e correu para o campo. O som das patas do seu cão a correr pelo relvado trouxe-a de volta à realidade. Saiu do carro e, com o mapa na mão, caminhou em direção ao celeiro. O lugar estava praticamente abandonado, mas ao mesmo tempo parecia

que o tempo não tinha ousado tocá-lo. A madeira do celeiro estava envelhecida e as suas tábuas, embora gastas, ainda pareciam resistentes.

Quando chegou à porta do celeiro, Luísa hesitou. O silêncio era tão ensurdecedor, como se o próprio lugar soubesse que algo estava prestes a ser descoberto. Empurrou a porta de madeira, que se abriu com um ranger familiar, e entrou. Dentro, o cheiro a palha e madeira misturava-se com o ar fresco da manhã da rua. Simba correu para o interior e farejou como sempre fazia, mas Luísa não podia perder tempo. O mapa indicava que a resposta estava ali e ela tinha de a encontrar.

Caminhou até à prateleira onde costumava guardar as suas ferramentas, mas desta vez não encontrou nada que lhe chamasse a atenção. Olhou em volta, para as velhas caixas empilhadas nas prateleiras mais altas, quando, de repente, algo a fez parar. No canto mais afastado do celeiro, alguma coisa brilhava. Um reflexo de luz parecia chamar por ela.

Luísa caminhou lentamente na sua direção com o coração a bater mais rápido do que nunca. Puxou para fora o que parecia ser um pequeno baú de madeira, envelhecido, cheio de pó, mas cuidadosamente guardado. O baú estava trancado, porém a sua fechadura era peculiar. Nenhuma

chave iria encaixar ali! Tinha de ser outra coisa! Simba aproximou-se de Luísa e encostou o focinho ao seu pescoço, como a tentar dizer-lhe alguma coisa. De repente, Luísa deu um salto e lembrou-se do medalhão. Era isso! O medalhão encaixava perfeitamente naquela misteriosa fechadura. Agradeceu a Simba com um grande abraço e prosseguiu.

Luísa levantou a tampa do baú. Lá dentro havia uma pilha de cartas amareladas, algumas amassadas, outras cuidadosamente dobradas. Ali estava também uma caixa metálica que parecia conter algo importante. Retirou a caixa e, ao abrir, viu o que a deixou sem palavras: uma pequena pedra preciosa azul, com uma inscrição gravada na sua base.

Fechou o baú com cuidado e olhou para a pedra, que parecia brilhar, parecia ter luz própria! O que era aquilo? E por que razão a avó a teria escondido no celeiro da quinta?

Com a pedra nas mãos, Luísa sentiu que estava mais próxima do que nunca de descobrir a verdade. Ao mesmo tempo, algo lhe dizia que o maior segredo ainda estava por revelar. Não podia parar agora. O mistério adensava-se e tinha de ser desvendado, embora Luísa soubesse que, de um modo ou de outro, o que estava prestes a descobrir mudaria tudo.

Simba correu até ela, abanando a cauda, como a convidá-la a continuar. E Luísa, com a pedra preciosa na mão, sabia que o próximo passo estava iminente. O segredo seria finalmente desvendado.

CAPÍTULO XI

Luísa segurava a pedra azul na sua mão, sentindo um peso invisível que não conseguia explicar. A inscrição na base, embora desgastada, parecia formar palavras que não conseguia decifrar completamente. “Segue a luz da memória”, murmurou, tentando distinguir as letras. A frase soava poética, mas não dava nenhuma resposta concreta.

Simba, sentado ao seu lado, soltou um pequeno ganido, desviando a sua atenção. O cão tinha os olhos fixos em algo atrás dela. Virou-se lentamente e viu, encostada à parede do celeiro, uma grande moldura coberta de pó e teias de aranha. Com as mãos trémulas, Luísa aproximou-se e limpou a superfície suja com a manga da camisola.

A moldura revelou uma pintura antiga, onde se via um cenário conhecido: o jardim da casa da avó, mas com um detalhe diferente. No centro do quadro, havia um candeeiro idêntico ao do seu quarto, iluminado por uma luz azulada semelhante à pedra que tinha na mão.

— Não pode ser... — sussurrou, sentindo o coração bater mais forte. — O mesmo candeeiro...

Olhou novamente para a pedra e depois para a moldura. Era como se a pintura lhe quisesse mostrar o que

não estava à vista. E então reparou: na parte inferior direita da moldura, estava gravada uma pequena seta que apontava para baixo. Luísa seguiu o sentido indicado com os olhos e viu uma tábua solta no chão, meio escondida no meio de muita tralha ali abandonada.

— Claro que tinha de haver uma tábua escondida! – disse – revirando os olhos para Simba. O cão abanou a cauda divertido, como se concordasse com o inevitável.

Com esforço, puxou a tábua e descobriu uma pequena escavação no solo, onde estava escondido um pequeno baú de metal. O baú, coberto de terra e ferrugem, tinha o mesmo símbolo do medalhão que trazia ao pescoço: as iniciais **A.J.S.**

Ao tocar na fechadura sentiu a pedra aquecer suavemente na sua mão, como se a pedra estivesse viva. Inspirou fundo, agarrou no medalhão e encaixou-o na fechadura do baú. O mecanismo girou com um clique e a tampa abriu-se lentamente.

Dentro do baú, não havia ouro, nem joias, apenas um pequeno livro de couro envelhecido e uma fotografia desbotada. O que a fotografia lhe mostrou fê-la soltar um suspiro alto: a sua avó, ainda jovem, sentada no jardim, ao lado do mesmo candeeiro e segurando a pedra azul. Ao fundo, quase impercetível, a silhueta de um homem.

Luísa franziu o sobrolho. O homem parecia familiar... seria o tio Zé? Não conseguia ter a certeza. Virou a fotografia e viu que, no verso, estava escrita outra frase:

“A luz revela o caminho. Não temas o passado.”

Antes que pudesse processar o significado das palavras, um som alto ecoou pelo celeiro, um estrondo seco, como se algo tivesse caído ao longe, *pum, catrapum...* Simba começou a rosnar baixinho, vigilante... Luísa olhou para a entrada do celeiro, onde a porta se movia lentamente, empurrada por uma brisa gelada.

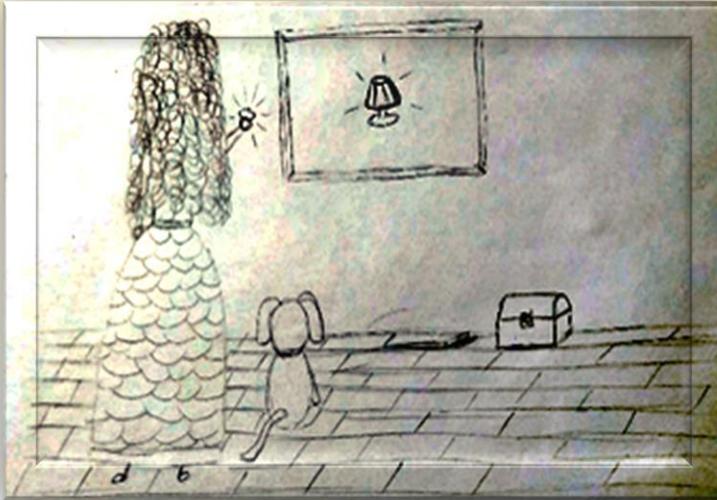
— Está aí alguém? — perguntou com a voz a trair-lhe o nervosismo.

Silêncio. Apenas o som do vento e das folhas que se agitavam lá fora. Agarrou a pedra azul e o medalhão com muita força. Com o livro de couro e a fotografia junto ao peito, decidiu que era hora de regressar a casa da avó. Havia mais para descobrir e o tempo estava a esgotar-se.

— Vamos, Simba! – O cão seguiu-a, ainda em alerta.

Enquanto se afastava do celeiro, sentiu um frio estranho percorrer-lhe a nuca. Alguém parecia estar a observá-la. Ao virar-se para trás, não viu nada além da porta entreaberta, mas jurava ter visto uma sombra a desaparecer no interior.

— Avó, o que é que me deixaste aqui? — Pensativa, olhou para a pedra, que agora parecia brilhar mais intensamente.



CAPÍTULO XII

Luísa atravessou o velho portão do jardim. A pedra azul na sua mão brilhava suavemente, como se quisesse falar consigo. Simba caminhava a seu lado, de orelhas levantadas. Até ele parecia notar a importância do que viam.

Quando chegou ao caminho de pedra que a levava à casa, a luz azul da pedra tornou-se mais forte, criando desenhos bonitos nas árvores. Mas não era só a pedra que brilhava! O candeeiro do jardim, que iluminava as brincadeiras de Luísa quando era pequena, começou a brilhar com uma luz azulada. Era igualzinho àquele da pintura do celeiro!

— O que será que está a acontecer? — perguntou Luísa a Simba. — O cão abanou a cauda, como se aquela pergunta fosse um desafio ou uma brincadeira.

Ao aproximar-se do candeeiro, viu algo preso ao poste: um envelope amarelo com as iniciais **L.S** escritas à mão no local do destinatário. Era para ela! Com cuidado, abriu-o.

A letra era da sua avó.

Luísa, se estás a ler isto, é porque encontraste o meu segredo.

Não tenhas medo. A pedra vai mostrar-te o caminho para o quarto secreto.

Beijinhos da avó Ana Júlia.

Luísa sentiu um friozinho na barriga.

— O quarto secreto! — exclamou Luísa.

A avó costumava contar histórias sobre ele, mas Luísa nunca pensou que existisse. Mas afinal, sim, o quarto secreto era real!

— Vamos, Simba! — disse com entusiasmo.

Atravessaram o jardim e entraram em casa. À primeira vista, tudo estava como a avó deixara: o cheiro das flores secas...porém, olhando com atenção, os móveis antigos e outros objetos espalhados pela sala já tinham sido remexidos.

Parou em frente àquela parede que sempre achara estranha, pegou na pedra azul e encostou-a à parede. De repente, ouviu um pequeno clique e uma tábua moveu-se,

revelando uma passagem escondida! Simba ganiu baixinho, como se quisesse dizer: “Tem cuidado!”

— Vamos com calma, amigo. — disse Luísa, com um sorriso corajoso.

Atrás da passagem, havia uma escada em espiral que descia e dava acesso a um espaço deveras misterioso. A luz da pedra iluminava o caminho e Luísa foi descendo devagar com Simba ao seu lado. Quando chegou ao último degrau, encontrou um pequeno quarto redondo.

As paredes estavam cheias de prateleiras com livros, potes e coisas antigas e curiosas. No meio do quarto, havia uma mesa com uma cápsula de vidro protegendo um mapa.

Luísa aproximou-se. No mapa, havia um caminho que começava na casa da avó e atravessava a floresta, terminando num ponto marcado com o mesmo símbolo da pedra e do medalhão.

— Um mapa do tesouro! — exclamou Luísa, sentindo-se uma verdadeira exploradora. O que haveria mais para descobrir?

De repente, ouviu passos na escada. Alguém estava a descer! Simba colocou-se à frente dela, pronto para a

proteger. Luísa segurou a pedra azul e o medalhão com força, o seu coração batia aceleradamente. Quem estaria ali?



CAPÍTULO XIII

Inesperadamente, a pedra que Luísa segurava na mão começou a brilhar e a aquecer intensamente.

Simba começou a ladrar impacientemente. Quem quer que ali estivesse, fugiu para não ser descoberto. Luísa, atordoada, subiu as escadas a toda a velocidade para tentar ver quem lá estava, sem se aperceber do dano que a pedra tinha feito na sua mão. Não tendo conseguido ver o invasor, voltou para perto de Simba, que a olhava paralisado. Ela, ao aperceber-se da reação do seu melhor amigo, olhou para a sua mão, tentando entender o que estava a acontecer...

Luísa sentiu uma força inexplicável dentro de si que a impelia a continuar a busca. Assim o fez. Simba seguiu-a. Não encontraram nada, no entanto. Sentindo uma grande tontura, Luísa decidiu sentar-se à beira da cama que se encontrava no quarto, sem se importar com o cheiro a mofo do cobertor. Nesse momento, olhou para a mão que segurava a pedra, levantou o olhar para a estante à sua frente e viu um livro totalmente diferente de todos os outros.

Era um livro de capa mole de cor roxa, já gasta, preso com um cordão grosso que o mantinha fechado. Tinha um aspeto degradado, mas na capa ainda se via o símbolo da

pedra de Luísa. Curiosa, levantou-se meia atordoada e correu para a estante onde estava o livro. Simba encolheu-se, pois não estava a gostar nada da situação. Luísa, determinada, pegou no livro e nesse instante algumas páginas começaram a esvoaçar e a cair no chão. Correu para as apanhar. Com as páginas nas mãos, começou a olhar para elas com atenção e notou que estavam amareladas e com grandes espaços de tinta gasta.

Tentou perceber o que lá estava escrito, mas tantas eram as lacunas e a falta de tinta que não conseguiu decifrar nenhuma mensagem. Olhou para a cama onde tinha deixado a pedra e esta começou a brilhar. Aproximou-se da cama com o livro na mão juntamente com as páginas e observou atentamente a pedra.

Luísa pôs as páginas soltas sobre a cama, pegou na pedra e colocou-a em cima da marca que estava na capa do livro. A pedra emitiu um *flash* de luz roxa e de seguida apagou-se, deixando o livro aberto numa determinada página. Surpreendida, olhou e reparou que a página anterior tinha sido rasgada ao meio. Não muito incomodada, voltou a concentrar a sua atenção na página que tinha sido aberta pela pedra. Estava cheia de rascunhos e símbolos, que não conseguia desvendar. Reparou num pequeno pormenor...

um desses símbolos estava presente no mapa do tesouro que tinha visto antes.

Levantou-se rapidamente da cama e dirigiu-se ao local onde tinha deixado o mapa, mas este tinha desaparecido. Triste, começou a procurá-lo.

Ao anoitecer, continuava ainda a busca. Simba, tentando ajudar Luísa, farejou o local onde estava o mapa e surpreendeu-se com o cheiro. Começou a ladrar, tentando chamar a atenção de Luísa, que, de imediato, se dirigiu para perto dele, percebendo a sua inquietação. Foi aí que viu uma pulseira de aço no chão.

Com perspicácia, Luísa concluiu que a pessoa que perdera a pulseira seria a mesma que lhe tinha roubado o mapa do tesouro.

– De quem será esta pulseira? Quem veio aqui? – perguntou, olhando para Simba

CAPÍTULO XIV

Luísa segurava a pulseira de aço com muito cuidado. O brilho prateado refletia a luz fraca no quarto, e Simba farejava o chão como se pudesse encontrar o dono da pulseira a qualquer momento.

— Simba, temos de descobrir quem esteve aqui — disse Luísa, colocando a pulseira no bolso do casaco — A nossa missão ainda não acabou.

A luz da pedra azul piscou lentamente, chamando a atenção de Luísa. O objeto mágico parecia tentar guiá-la mais uma vez e voltou a olhar para o cão, que abanava a cauda animado.

— Vamos seguir a pedra. Ela sabe mais do que nós.

A luz brilhou intensamente, apontando para a saída da casa. Luísa seguiu a luz, que a levou até ao portão do jardim. Lá fora, o vento soprava suavemente, e a noite estava cheia de estrelas. Simba sempre atento, espetava as orelhas em sinal de alerta, pronto para o que desse e viesse!

A pedra guiou-os até ao caminho de terra que os levava à floresta. Luísa, apesar do medo, não hesitou. Já era tarde e a floresta era muito assustadora, mas sentiu que não podia

desistir agora. Acompanhada da lanterna e de Simba, entrou na floresta.

O caminho estava coberto de folhas secas que estalavam com a pressão dos seus pés. A luz da pedra iluminava símbolos estranhos gravados nas árvores, semelhantes aos que vira no livro e no mapa.

— Será que estamos no caminho certo? — perguntou a Simba que a seguia muito determinado.

Mais à frente, ouvia-se o som da água de um riacho ali perto. A pedra começou a brilhar intensamente, como se tivesse pressa. Quando chegaram ao rio, a luz azul projetou-se na água, formando assim uma ponte de luz brilhante.

— Que coisa incrível! — exclamou Luísa maravilhada. Decidida, atravessou a ponte de luz.

Do outro lado, havia uma pequena clareira. No centro, uma árvore antiga e majestosa com um buraco na base. Luísa aproximou-se e espreitou.

Lá dentro havia um pequeno baú de madeira com o símbolo da pedra gravado na tampa. Com as mãos trémulas, abriu o baú e encontrou nele um caderno com capa de couro e páginas cobertas de desenhos e anotações feitas pela sua avó. Cada página contava uma parte da história da pedra e do tesouro que ela protegia.

— Parece que encontrámos mais uma peça do nosso quebra-cabeças, Simba — disse Luísa, folheando o caderno.

Antes de terminar a leitura, ouviu um barulho vindo do meio das árvores. Olhou em volta, com o coração acelerado. Simba começou a rosnar baixinho.

— Quem está aí? — perguntou Luísa, corajosa.

No meio das sombras, apareceu uma figura de capuz, segurando o mapa que tinha desaparecido. Luísa reconheceu imediatamente o símbolo da pulseira que carregava no bolso.

— Então foste tu... — murmurou Luísa, apertando o caderno contra o peito.

A figura ergueu uma mão, mostrando um gesto de paz, mas manteve-se em silêncio. Luísa sentiu-se dividida entre confrontar o estranho ou tentar compreender quem ele era e o que queria.

Simba continuava em alerta, enquanto a pedra na mão de Luísa brilhava mais forte, como se reagisse à presença da figura misteriosa.

— Explica-te ou... ou ... — balbuciou Luísa.

A figura deu um passo em frente, ainda sem dizer nada, mas o seu olhar estava fixo na pedra brilhante...



CAPÍTULO XV

O vento que antes parecia suave, agora soprava forte, como se a floresta inteira estivesse à espera do que estava para acontecer. Luísa olhou para o caderno da sua avó e depois para Simba, que continuava a observar a estranha figura com um misto de desconfiança e curiosidade.

A figura parecia estar à espera de alguma coisa. Luísa percebeu que a peça que faltava para desvendar o mistério estava nas suas mãos. Olhou para a pedra azul que brilhava intensamente na escuridão, como se fosse uma bússola a apontar para um caminho desconhecido.

— Porque está a olhar para mim? — perguntou Luísa, sem conseguir esconder a inquietação que se formava no seu peito.

A figura, que apenas a observava, respondeu com voz grave e pausada:

— A luz da pedra que tens na mão é mais do que um guia.... Ela pode levar-te ao caminho da verdade que, uma vez percorrido, não permite voltar atrás.

Luísa sentiu um arrepio. As palavras daquela estranha figura ecoavam na sua mente sem saber o que significavam. Olhou para a clareira e para as árvores antigas que pareciam

observar silenciosamente o seu movimento. A luz da pedra parecia pulsar com uma energia viva, como se tivesse vontade própria.

Simba, sentindo o dilema de Luísa, avançou com confiança, abocanhando suavemente o seu casaco, abanando freneticamente a cauda, pronto para seguir em frente. Luísa suspirou e, com um último olhar para o misterioso homem, tomou uma decisão.

— Vou seguir a luz da verdade! — disse ela com firmeza.

A figura não respondeu, mas Luísa podia sentir o olhar penetrante sobre si. Sem mais palavras, deu um passo em frente. O brilho da pedra intensificava-se à medida que Luísa caminhava, iluminando o caminho estreito que se abria.

O estranho permaneceu na clareira, observando-os sem os impedir. Luísa teve a sensação de que isto era o que se esperava de si. De que tomara a decisão certa. O caminho à sua frente, agora iluminado pela luz da pedra, parecia conduzi-la cada vez mais fundo na floresta e, à medida que avançava, a floresta alterava-se em seu redor.

As árvores altas e sombrias abriam-se em clareiras e pontes naturais formadas por raízes e galhos entrelaçados. O som da água do rio parecia cada vez mais próximo, como

se chamasse o seu nome. A luz da pedra projetava-se na água, criando imagens de símbolos e padrões que Luísa não entendia.

Simba, com as suas patas firmes e rápidas, caminhava à sua frente como que puxado por um íman. A cada novo símbolo encontrado na água, Luísa sentia que estava mais próxima de desvendar o enigma.

Uma luz forte e mais intensa do que a da pedra azul surgiu repentinamente. Luísa parou, estarecida, e Simba começou a rosnar levemente, antevendo algo estranho. A luz parecia pulsar com uma energia imensa e as árvores ao redor começaram a mover-se, abrindo caminho para o centro daquela luminosidade.

Apesar da forte vontade de avançar, as suas pernas paralisavam-na, recusando-se a continuar. Luísa não sabia o que a esperava, o que aí poderia encontrar, mas já não havia como voltar atrás.

— Onde estou? — disse, de si para si, apertando o caderno nas mãos.

Surgiu então um raio de luz mais intenso que parecia indicar o caminho que devia seguir.

Com uma respiração ofegante, Luísa fez o seu último movimento e avançou em direção à luz. Estava preparada para enfrentar qualquer coisa!

CAPÍTULO XVI

À medida que Luísa se aproximava da luz, as árvores ao seu redor voltaram a mover-se, abrindo um caminho no meio da vegetação cerrada. A luz à sua frente não era apenas um brilho, parecia uma força com vontade própria que a convidava a percorrer aquele caminho até ao portal iluminado.

Naquele momento, o caderno da sua avó, que segurava junto ao peito, parecia mais pesado.

O mistério impelia-a a avançar. Atravessou o portal e a clareira desapareceu, transformando-se num vasto campo de flores. O céu tornara-se dourado, tal qual um maravilhoso pôr-do-sol.

Simba olhou para ela, esperando a próxima decisão. Luísa olhou ao redor, maravilhada e confusa ao mesmo tempo. A sua mente era um emaranhado de perguntas sem resposta:

– Onde estou? Que lugar é este? O que faço aqui?

De repente, uma voz suave preencheu o ar vinda de algum sítio.

– Bem-vinda, Luísa. Chegaste! Aqui, a verdade vai-se revelar – disse a figura misteriosa.

A voz parecia vir da terra, das flores, do céu.

– Eu estou pronta – disse ela com incerteza.

A resposta apareceu de forma suave, como uma brisa. As flores que a rodeavam começaram a abrir-se, revelando um caminho de pétalas, convidando-a a seguir adiante.

Simba latiu e caminhou sobre as pétalas. Luísa, decidida, seguiu-o.

No final do caminho de pétalas, outra figura igualmente misteriosa surgiu à sua frente. Era uma mulher que parecia ter saído das histórias que a avó lhe contava: tinha uma aparência serena, de longos cabelos loiros e olhos azuis, como a água do rio. A mulher sorriu-lhe.

– A verdade que procuras está dentro de ti. O que carregas nas tuas mãos não é apenas um caderno.

Luísa olhou para o caderno. Ela sabia que o caderno da avó tinha algo de especial, mas nunca imaginou que ele fosse a chave. A mulher continuou a falar, como se estivesse a ler os pensamentos de Luísa.

– A pedra azul que carregas... não é uma simples pedra, foi feita para ti. A verdade que procuras está na tua jornada, na escolha que fizeste ao seguir a luz.

Luísa sentiu um arrepio. O caderno, a pedra, a floresta – tudo fazia parte de algo maior. Ela não sabia o que fazer, a sua curiosidade e espanto eram grandes.

– O que devo fazer?

A mulher olhou para ela com sabedoria.

– Agora precisas de usar o caderno e a pedra para descobrires a verdade. A verdade que procuras não pode ser explicada com palavras, mas pelo coração. Lembra-te que este caminho não é só teu.

Dizendo isto, a mulher estendeu a mão a Luísa, convidando-a a dar o próximo passo. Nesse momento, Luísa sentiu que a verdade estava próxima.

A luz brilhou intensamente, uma forte energia emanava do caderno e da pedra, criando assim uma união entre eles. Luísa estava pronta para completar a jornada, iniciando uma nova etapa do mistério.

CAPÍTULO XVII

A mulher misteriosa observava Luísa, com um olhar pacífico, cheio de expectativa.

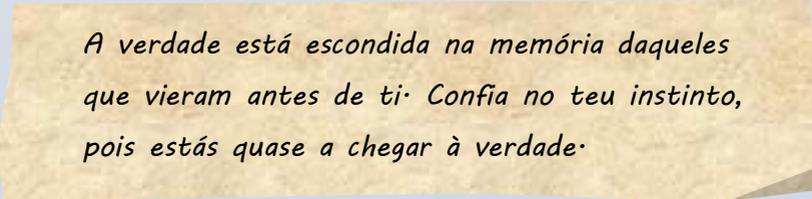
– Para onde devo ir agora?

A mulher sorriu e respondeu com ternura:

– O caminho revelar-se-á quando estiveres pronta para o ver com o coração.

Acidentalmente, Luísa deixou cair os dois objetos e, como por magia, chocaram um com o outro e fundiram-se num só. Começaram a surgir nas páginas brancas letras douradas, formando uma mensagem. Era como se a avó estivesse a falar com ela.

Luísa leu as palavras que iam surgindo diante dos seus olhos:



A verdade está escondida na memória daqueles que vieram antes de ti. Confia no teu instinto, pois estás quase a chegar à verdade.

Ainda receosa, decidiu aceitar a mensagem. Fechou os olhos e deixou-se levar pelas sensações que a rodeavam. Uma brisa suave passou por si, trazendo-lhe memórias já esquecidas de bons momentos que passara com a avó.

Ao abrir os olhos, apercebeu-se de que já não estava na floresta. Agora estava numa antiga biblioteca, com prateleiras altas e empoeiradas que tocavam no teto, cheia de livros antigos e mapas misteriosos.

No centro da sala, havia uma mesa de madeira maciça e em cima dela encontrava-se um espelho oval com uma moldura dourada. Luísa, curiosa, decidiu aproximar-se da mesa, e ao encarar, o espelho, surpreendeu-se ao ver o seu reflexo a mudar. Em vez de aparecer a sua imagem, começaram a aparecer vários momentos já vividos, não só por si, mas por outras pessoas que lhe eram próximas.

Na recapitulação desses momentos, Luísa reparou numa menina muito parecida com ela, segurando o mesmo caderno e explorando aquela biblioteca. Ao olhar com mais atenção para a menina, percebeu que era a sua avó Ana Júlia, quando era nova.

Com o coração acelerado, Luísa compreendeu que a resposta a todas as suas perguntas estava ali. Estendeu a

mão e tocou o espelho. Num instante, foi puxada para dentro dele, sentindo-se a atravessar o tempo e o espaço.

Quando olhou à sua volta, apercebeu-se de que estava novamente num sítio diferente da quinta. E sentada numa velha cadeira de baloiço, estava novamente aquela mulher misteriosa, que lhe disse:

– Agora é a hora de descobrir a verdade!

Ainda confusa, aproximou-se da mulher, que abriu o caderno, revelando-lhe páginas que agora brilhavam com símbolos e palavras que Luísa compreendia perfeitamente.

– A verdade sempre esteve contigo. Este caderno guarda o conhecimento de toda a tua família, as memórias e os segredos que nos unem ao passado e ao futuro. Agora, cabe-te a ti, Luísa, continuares esta história.

Ela sabia que a sua aventura não terminava ali, mas naquele momento estava exatamente onde deveria estar.

De repente, um som estridente, como um despertador, preencheu o ambiente. A imagem da mulher misteriosa desapareceu e tudo ao seu redor também.

Quando Luísa abriu os olhos, verificou que estava deitada na sua cama, com o seu caderno ao lado.

O Sol da manhã entrava suavemente pela janela, enchia o quarto com uma luz dourada e calorosa. Simba dormia aos pés da cama, respirando tranquilamente.

Luísa sentou-se, sentindo o seu coração acelerado. Teria sido tudo apenas um sonho? Pegou no caderno e abriu-o, surpreendendo-se ao ver que uma nova página havia surgido, com palavras escritas em tinta dourada:

"A aventura continua, dentro e fora dos sonhos. Confia no teu coração."

Luísa sorriu. Sabia que aquele não era o fim, mas apenas o começo de algo muito maior.



FIM

